

## A LÓGICA DAS CIDADES

Ao ritmo de urbanização mundial correspondeu um crescente interesse pelo entendimento da lógica das cidades com o objectivo de desmontar os processos de formação do tecido urbano e propor políticas susceptíveis de tornar a cidade mais humana. Em *La Logique des Villes* <sup>(1)</sup> PAUL CLAVAL procura um princípio que faça compreender a unidade do fenómeno urbano, a sua permanência através da história, a multiplicidade das formas e das civilizações urbanas. Tendo sempre presente a ideia

---

<sup>(1)</sup> PAUL CLAVAL — *La Logique des Villes. Essai d'urbanologie*, Paris, 1981, LITEC, 633 p.

que a cidade é uma organização destinada a maximizar a interacção social, a obra apresenta-se organizada em catorze capítulos, agrupados em três secções, de acordo com a temática tratada — princípios de interpretação, o espaço urbano, as relações da cidade com o mundo exterior.

O capítulo I é dedicado ao estudo do desenvolvimento das cidades assente na evolução das relações sociais através da história. Para cada época a urbanização é entendida como uma resposta à necessidade de aprofundar e diversificar a vida social com o objectivo de facilitar trocas e relações variadas.

O fenómeno urbano encontra pois o seu surto nas necessidades de interacção que tomam formas diversas: interacção técnica, interacção de massas, interacção de mercados, interacção de ideias e informações, cuja análise requer uma reflexão sobre a comunicação e o conceito de centralidade. Estes são tratados no capítulo II, que se ocupa também das hierarquias e redes urbanas, analisados à luz das teorias de CHRISTALLER, LÖSCH, BIRD, REDFIELD e SINGER, evidenciando-se os contrastes essenciais entre as formas de redes urbanas consoante o grau de desenvolvimento tecnológico do espaço onde estão inseridas.

Entendido como um comutador social, o centro urbano gera vantagens para produtores e consumidores. No capítulo III são analisadas as vantagens para a população rural e urbana, dando origem ao que o autor designa por campo urbano. São estudados os diferentes agentes que o constituem e a acção que exercem sobre o espaço organizado segundo uma estrutura desenhada em função da acessibilidade.

A identificação e caracterização dos mecanismos que afectam cada parcela do centro urbano ocupam o capítulo IV. O autor analisa por um lado a procura fundiária urbana, as relações entre mercado de terrenos, imóveis e localizações e, por outro, a oferta máxima e a real, bem como o papel do poder face à elasticidade desta última.

A transparência e o funcionamento do mercado fundiário são ainda temas tratados neste capítulo, onde o mecanismo dos preços dos terrenos, o interesse e os limites da análise do mercado fundiário imperfeito e a relação entre estes e os planos de urbanização constituem uma alínea de grande interesse pela forma aprofundada e clara como são tratados.

O capítulo V refere-se aos mecanismos de afectação do solo e dos seus efeitos na organização da cidade. O autor encara o papel que as intervenções antecipadas jogam no funcionamento dos mercados fundiários onde a especulação imobiliária é uma das formas, mas não única, da especulação que se desenvolve na economia de mercado. O aumento dos preços de terrenos, que provoca o jogo das antecipações, aparece primeiro como uma transferência, no tempo, entre os indivíduos, pois a transacção atinge preços mais elevados que o normal na medida em que o vendedor cede os direitos do uso a um futuro que poderá ser mais rendível que o presente. Mas os efeitos de transferência não afectam igualmente todos os produtores que têm necessidade de espaço para desenvolver as suas actividades e todos os consumidores que procuram alojamento. Este processo tem pois incidências sociais, acentuando as desigualdades e tornando-as mais difíceis de suportar. O seu custo não

é na maior parte das vezes considerado no estudo dos mecanismos de utilização do solo, mas a verdade é que o mercado modela o espaço urbano e adapta-o ao campo de forças criado pelas vantagens colectivas. Contudo, não se pode compreender a organização interna da cidade sem se ponderar o papel das técnicas e sem medir o peso das preferências culturais e sociais.

As condicionantes técnicas são estudadas no capítulo VI, onde é analisada a evolução do espaço urbano em função das redes e preços dos transportes. Neste capítulo é ainda analisada a importância dos constrangimentos técnicos resultantes das redes de água e saneamento básico, das necessidades de adaptação ao clima e ao desenvolvimento de novos processos de construção.

No capítulo VII o autor aborda a arquitectura social da cidade — família, colectividades e organizações — que liga os indivíduos segundo um sistema hierárquico. Estes agentes pesam sob a forma das cidades pela utilização que fazem dela e são ainda indicadas as estratégias individuais dos utilizadores e das políticas de decisão no que se refere à participação dos sectores público e privado no desenvolvimento urbano.

Em função da acção dos agentes sociais, a cidade expande-se e o mercado fundiário gera uma diferenciação do espaço urbano, criando uma oposição entre o centro e a periferia. Diferentes tipos de centro são analisados — centros turísticos, centros de negócios, centros comerciais, centros históricos — opondo-se à grande diversidade morfológica da periferia urbana. Esta dualidade dá origem a diferentes modos de participação da população na vida da cidade, traduzida num processo de contestação da população marginalizada.

A vida do conjunto urbano não se pode compreender apenas pela análise da sua estrutura edificada e social. A cidade é um organismo vivo que consome, produz e mantém relações com o espaço exterior. Estas não se reportam apenas à prestação de serviços à área envolvente, mas todas as aglomerações procuram no exterior os produtos necessários à sua sobrevivência. São estas necessidades do centro urbano que o autor analisa no capítulo VIII, mas seria simplificar demasiado a economia urbana reduzindo-a apenas às actividades que equilibram as trocas com o mundo rural. Por isso, os princípios, a evolução e os mecanismos da economia urbana são tratados no capítulo IX. Destaque-se a atenção prestada aos sectores básico e doméstico (economia local e regional) e às questões que os modelos de previsão colocam.

Enquanto nós dos sistemas de comunicação, as cidades articulam as áreas onde estão inseridas com espaços mais vastos do território, constituindo redes onde a localização de cada umá delas depende das outras. O estudo das redes urbanas mostra a forma como os homens triunfam sobre os obstáculos que o espaço criou às trocas de informações, mostra os fluxos e as relações múltiplas que estruturam as regiões e as nações, desmontam as forças do sistema económico e revelam o peso dos mitos e dos símbolos na vida colectiva. Os princípios de análise estruturam-se em função da multiplicidade dos papéis que a cidade desempenha. A cidade dirige, organiza trocas e elabora as formas supe-

riores da sociabilidade, da cultura e da civilização. As relações que o aglomerado mantém com o espaço tomam formas diferentes segundo o tipo de relações sociais que estruturam os indivíduos e os grupos; a rede urbana não reflecte apenas os níveis técnicos e os tipos de economia mas depende das relações individuais e dos elos que cimentam as organizações sociais. A luz destes princípios são tratados, no capítulo X, os diferentes tipos de sistemas urbanos.

No capítulo XI o autor interrompe a pesquisa baseada na interacção espacial e social para se deter nos modelos urbanos já desenvolvidos. Os primeiros subcapítulos referem-se aos modelos descritivos e gráficos, enquanto os restantes, transcritos em fórmulas matemáticas, se prestam ao cálculo, à simulação e à previsão. Indicando as vantagens e as limitações de uns e de outros, este capítulo termina mostrando as dificuldades da utilização dos modelos e a sua imperfeição na medida em que não permitiram ainda precisar a política a seguir na maximização das vantagens globais no conjunto da área urbana.

As teorias unitárias da cidade repousam sobre a ideia que os indivíduos maximizam uma função de utilidade cujas possibilidades de interacção constituem um elemento decisivo. A cidade é a justaposição das comunidades enquanto sistema de trocas entre indivíduos e para a compreender é preciso saber como ela é utilizada pelos seus habitantes. A este aspecto é dedicado o capítulo XII, onde além da forma como é entendida a cidade o autor analisa a ocupação funcional do espaço, de acordo com os diferentes estratos sociais e etários dos utentes.

Contudo, a experiência vivida é modelada pelo meio físico e social na qual ela se desenrola. É igualmente condicionada pelas técnicas e modo de fazer veicular a cultura; o espaço edificado reflecte a estrutura social e a organização espacial é feita em função dos objectivos da sociedade. A cidade como arquitectura e a evolução dos princípios urbanísticos são tratados no capítulo XIII, ainda que duma forma pouco profunda; mas este capítulo é mais uma passagem para a análise do planeamento entendido como uma forma de espacializar as decisões e tratado no capítulo XIV. Neste são sugeridas as preocupações dos municípios europeus, após a Renascença, nesta matéria e desenvolvida uma análise crítica das políticas de planeamento urbano.

As acções que modelam a cidade resultam duma dialéctica estabelecida pela iniciativa pública e desenhos colectivos que tentam materializar uma cidade ideal e numerosas adaptações e reacções dos que a habitam ou frequentam. A compreensão das formas e das redes urbanas implica uma análise das instituições que tentam traduzir no concreto o conhecimento dos comportamentos e dos mecanismos de retroacção que permitem o ajustamento das decisões múltiplas. A evidente diversidade das cidades no espaço e no tempo não deve mascarar os traços que eles devem às boas condições de interacção.

O trabalho de PAUL CLAVAL foge às regras dos manuais de geografia urbana, particularmente os editados em França, onde é predominante a atenção dada à realidade construída e à organização funcional.

Aqui o centro urbano é sempre entendido como um espaço de relação, propondo ainda o autor um quadro geral de interpretação e uma teoria unitária da cidade com o objectivo, segundo ele, de ajudar a reconciliar o homem e a cidade.

MARIA CLARA MENDES